

# **A RELAÇÃO DA DOCTRINA E DO PODER AÉREO CONTRA O TERRORISMO: A GUERRA ENTRE ISRAEL E HEZBOLLAH NO LÍBANO EM 2006**

Marco Túlio Delgobbo Freitas\*

## **RESUMO**

Em 2006, foguetes lançados pelo Hezbollah a partir do Líbano e o posterior ataque a duas patrulhas israelenses, resultou no sequestro de dois soldados. Em resposta a esses ataques, a força aérea de Israel (IAF) bombardeou um aeroporto militar localizado no Líbano que, segundo autoridades militares israelenses, serviam como ponto de chegada de armas provenientes da Síria e do Irã para abastecer o Hezbollah. A operação desencadeada por Israel tinha como finalidade atacar redutos e bases logísticas do Hezbollah localizados em zonas densamente povoadas no Líbano. Uma das características da resposta israelense foi explorar a vantagem contra seu inimigo: o emprego maciço do poder aéreo com o propósito de anular as bases que davam suporte a esse grupo terrorista. Em 11 de agosto, um cessar-fogo proposto pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, assim como o estabelecimento de uma força de paz ao Sul do Líbano, a UNIFIL, deu início ao arrefecimento do conflito, que resultou na retirada israelense e na entrega dos soldados sequestrados. O objetivo do artigo é analisar o emprego do poder aéreo israelense durante o conflito armado, desencadeado no Líbano em 2006, entre as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o Partido Radical Islâmico, o Hezbollah. A questão a ser analisada será a possibilidade do emprego do poder aéreo, no auxílio da desmobilização do inimigo em conflitos armados. Para isso, será necessário discutir a relação entre o conceito doutrinário que moldou a operação e a postura israelense contra o terror, ou seja, analisaremos o papel orientador da Doutrina *Dahiya* no emprego do poder aéreo nesse episódio. Para responder a essa

---

\* Mestre em Estudos Estratégicos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança da Universidade Federal Fluminense (UFF).

questão, igualmente importante é a compreensão do emprego do sistema de inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR), sobretudo na utilização de aviões remotamente pilotados, e a ação dos caças e helicópteros de ataque durante os bombardeios às estruturas do Hezbollah, pois é a partir desta relação que poderemos certificar se a doutrina exerceu um papel satisfatório. Mesmo distante da realidade brasileira ou sul-americana, é importante a discussão da relação sobre o emprego de armas de grande poder tecnológico e uma doutrina capaz de compreender as hipóteses de conflito, transformando seu emprego em uma vantagem determinante para o sucesso da operação.

**Palavras-Chave** (Poder Aéreo, dissimétrico, terrorismo, Israel, Hezbollah)

## 1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a complexidade da Operação *Change of Direction*, ocorre uma possibilidade, advertida por Foucault, de que a história é sempre contada a partir do presente. O motivo pelo qual essa história deve ser analisada hoje é que algumas questões continuam sem respostas mesmo após a publicação do relatório final da Comissão de Winograd<sup>1</sup>.

As palavras de Creveld (2008) em um artigo nos mostra que os resultados da Operação *Change of Direction* são controversos e cercados por polêmicas que vão além da análise das questões militares.

[...] for this Prime Minister Ehud Olmert was to blame, Defense Minister Amir Peretz was to blame, the Israeli military was to blame, everybody was to blame — and since the commission's members declined to name names, nobody was to blame (...) Much of this criticism is well taken. The war was indeed marked by a long series of failures. Failures in planning, failures in intelligence and counterintelligence, failures in command, failures in mobilization, failures in execution, failures in logistics, failures in properly protecting the rear, and perhaps a failure to terminate hostilities earlier and at the cost of fewer Israeli casualties.

O presente artigo tem por objetivo analisar a aplicação do conceito da dissimetria no combate ao terrorismo. Para tanto, analisaremos a utilização do poder aéreo durante a Operação *Change of Direction*, a influência da lógica da dissuasão como norteadora do padrão de resposta israelense, a ação do Hezbollah no Sul do Líbano e as dificuldades do nível estratégico ocorridas durante a resposta israelense aos desafios apresentados pela iniciativa do Hezbollah em transformar o confronto em uma guerra assimétrica.

A hipótese defendida é que a falha da análise e da capacidade de julgamento dos tomadores de decisão criaram obstáculos ao desempenho do poder aéreo durante a campanha.

---

<sup>1</sup> Comissão criada para investigar os problemas ocorridos durante a Operação *Change of Direction*. (CREVELD,2008)

Inicialmente, estavam previstas duas fases para a campanha: A primeira, notadamente aérea, foi a operação *Mishkal Sguh*; em seguida, foi desdobrada a Operação *Mei Maron*, composta por uma contraofensiva terrestre formada pela IDF.

Os objetivos políticos da operação estavam difusos. Neste momento havia duas listas de objetivos. Uma do primeiro ministro Erud Olmert e outra do chefe do Estado-Maior israelense, Dan Halutz (LAMBETH,2011). Essencialmente, ambos os documentos eram convergentes em dois pontos: cessar os ataques de foguetes do Hezbollah contra o território israelense e respondê-la desproporcionalmente e o meio para atingir esta finalidade, foi a aplicação do poder aéreo, a fim de reduzir os recursos dos terroristas, sua capacidade de ataque e o prejuízo causado pelos mesmos. Percebe-se que a aplicação da estratégia dissimétrica, neste caso, foi eficaz ao impedir o surgimento de uma guerra assimétrica. Esta conclusão é apoiada pelo desempenho do poder aéreo israelense diante desse desafio. Não obstante, cabe ressaltar que, em nenhum momento da narrativa histórica desse confronto, foi colocada pelos seus líderes como escolha estratégica a utilização do poder aéreo como a única forma de responder o inimigo.

Este papel de proeminência da IAF durante os 34 dias de conflito contra o Hezbollah foi conquistado por meio de sua eficácia no combate e na superação de obstáculos, como por exemplo a ausência de um levantamento anterior da inteligência militar sobre as capacidades militares do Hezbollah, o que obrigou a IAF a necessidade de atacar em tempo crítico arsenais ocultos de inimigos e foguetes de médio alcance.

Visto em retrospecto, mesmo diante da dificuldade de compreensão das lideranças militares e civis do confronto em caracterizar este como uma guerra, a Operação *Change of Direction*, para a IAF sempre foi guiada como uma, desde seus momentos iniciais, operação de guerra. À medida que a campanha se desenrolou, as tarefas da IAF foram baseadas na seguinte ordem de importância:

- a) Neutralizar e interditar os foguetes de médio e longo alcance disparados pelo Hezbollah;
- b) Impedir os movimentos militares do Hezbollah dentro do Líbano e na fronteira entre a Síria e o Líbano;
- c) Na medida do possível, localizar e eliminar os líderes do Hezbollah.

O terceiro objetivo, com certeza, foi o mais evasivo, pois, ao longo de 34 dias de intensos combates e uma grande ofensiva terrestre que só se realizou apenas 72 horas antes do cessar-fogo, ficou impossível atendê-lo (EILAND,2009).

Destacam-se também a integração dos veículos remotamente pilotados com helicópteros de ataque e a entrega de suprimentos, visto que as tropas da IDF do Comando Norte foram incapazes de manter uma linha logística que cobrisse satisfatoriamente as posições da IDF após o Rio Litani e por último, a realização de resgates médicos de urgência.

Polêmica desde o início, a Operação *Change Direction* será analisada, devido a seu grau de complexidade, a partir da relação de três conceitos: guerra dissimétrica, guerra assimétrica e medidas contraforça (ALOAN,1980).

## **2 NOVAS GUERRAS, GUERRA ASSIMÉTRICA E HEZBOLLAH**

O primeiro conceito a ser discutido será o de guerra assimétrica, que neste caso é a opção estratégica de um dos integrantes do conflito. Porém, inicialmente analisaremos o surgimento do ambiente de batalha atual e seus desdobramentos e, a seguir, discutiremos o papel do Hezbollah nesse conflito.

As lutas pelas independências que marcaram a segunda metade do século XX, ocorridas na África e Ásia, moldaram um novo tipo de luta, em que grupos políticos dentro de um território estatal buscariam o rompimento com um governo considerado ilegítimo.

A partir do final da Guerra Fria, as minorias étnicas passaram a questionar os governos estabelecidos por não considerá-los legítimos e, aproveitando a fragilidade de alguns Estados, os conflitos intraestatais voltaram a se proliferar.

As novas guerras seriam choques entre identidades políticas anteriores à formação do Estado e estas remeteriam a características culturais e políticas referentes à formação dos grupos que comporiam o Estado e não mais às questões de política estatal.

Diferente da guerra tradicional, interestatal, em que forças militarizadas e institucionais tinham o objetivo bem delineado, segundo Kaldor (2001) – fazer o inimigo se render, seguindo as

análises de Clausewitz do que seria o objetivo de uma guerra –, as novas guerras seriam caracterizadas como interestatais e extraestatais, distantes do modelo de guerra tradicional, em que a luta só se dava por agentes estatais e que, no caso das novas guerras, a luta pode dar-se entre grupos privados dentro de um território ou de um grupo estatal e um grupo nacional ou internacional.

Por meio de estratégia de guerrilha e contrainsurgência, esses grupos procuravam o controle político de uma região e buscavam além de suas fronteiras, a partir dos avanços tecnológicos e da globalização, transmitir seus valores e mobilizar apoio à causa.

Segundo Creveld (1991), a forma de como fazer a guerra na obra de Clausewitz está sendo incapaz de explicar o dinamismo dos conflitos pós-1945, pois os objetivos das novas guerras não seriam somente a segurança ou geopolítica, como também governança, identidades políticas pré-estatais e a busca por um *status quo* no interior deste Estado.

Um dos meios de alguns grupos obterem o poder ou atingir suas metas é realizar uma guerra assimétrica neste cenário ou contra um poder superior, que neste estudo, é o conflito entre o Hezbollah e o Estado de Israel. Para analisar o conceito de guerra assimétrica, é imperativo dizer que esta contém diversas ideias prévias e específicas de (FRANÇA,2007):

- a) Guerra de guerrilha;
- b) Espionagem;
- c) Resistência violenta;
- d) Resistência não violenta;
- e) Sabotagem;
- f) Guerra eletrônica e de informação, e
- g) Terrorismo.

Assim sendo, a guerra assimétrica é um conceito amplo e inclusivo que demonstra que dois lados em um conflito, podem ter forças e fraquezas tão drasticamente diferentes, que recorrem a táticas profundamente diferentes – portanto assimétricas – para alcançar uma vantagem relativa.

Em 2006, o Hezbollah tinha conseguido alcançar uma ampla influência no Líbano. O aumento do poder xiita neste país alcançou 15% das vagas do Parlamento libanês. Entretanto, esse índice não demonstra a realidade sobre a presença xiita no quadro político, embora seja consequência dos limites determinados pelo Acordo de Taif (ZISSER,2009).

Diante desse quadro, um líder xiita que procurava questionar a sua participação no governo libanês e procurava a criação do “Mar Mediterrâneo islâmico”, que cobriria a partir do Teerã ao Mediterrâneo endossado pela parceria histórica do Hezbollah e o Irã, Hassan Nasrallah, optou por criar situações-força contra seu principal inimigo: Israel (ZISSER,2009).

A presença do Hezbollah como organização política no Líbano teve início quando esta começou a exercer um papel social perante a comunidade xiita deste país, o que é uma postura semelhante a boa parte das organizações fundamentalistas islâmicas. Por meio de uma estrutura que relaciona bem-estar social e educação, o Hezbollah foi garantindo dois elementos essenciais para o aumento de sua influência: apoio – financeiro e político – e adeptos.

Uma das características levantadas por Roy (1995) ao tratar sobre o fundamentalismo islâmico é que esta necessariamente seria uma construção intelectual abstrata, limitada pela formação superficial religiosa de seus líderes, e que se opõe a séculos de tradições e culturas locais em que, por meio da aplicação da Sunna, da Sharia e do Corão como princípios normativos, tenta restaurar a Umma, o que seria uma comunidade muçulmana que vai para além das diferenças culturais e da tradição, e até mesmo, do nacionalismo.

A partir deste ponto, fica claro que a tentativa do Hezbollah de aumentar a sua participação política do Líbano é uma tentativa de reislamizar a sociedade libanesa, e isso só poderia ser alcançado por meio da democracia.

No entanto, os planos para criar uma situação-força com Israel não estavam surtindo efeitos, até porque o governo israelense estava preocupado com as ações da *Al Aqsa* na Palestina e os assuntos que mereciam atenção quando o assunto era o Hezbollah estavam restritos a seu arsenal de foguetes de médio alcance oriundos do Irã. Entretanto, o dia 12 de julho marcaria o que, segundo o primeiro ministro de Israel, Ehud Olmert, afirmava ser o dia que Israel não seria mais refém do Hezbollah (LAMBETH,2011).

Neste dia, o Hezbollah continuou sua campanha de lançamento de foguetes de médio alcance em direção a Israel, o que apareceu como uma oportunidade foi o motivo para a ação desproporcional israelense contra o Hezbollah: o sequestro e morte de soldados israelenses que patrulhavam a fronteira.

Nas palavras de Nasrallah, a liderança política do Hezbollah não acreditava que Israel responderia à abdução destes soldados com uma guerra. Mesmo no final do confronto, quando Nasrallah dizia ser o vitorioso e no qual acreditava ser uma interferência divina a sua sobrevivência, os resultados após o confronto com Israel não se traduziram em ganhos políticos para a organização. Apesar da guerra de informação liderada pela organização, o Hezbollah foi incapaz de ter maior participação política no governo libanês (LAMBETH,2011).

Este, com certeza, foi um efeito da campanha aérea israelense. Ao bombardear Beirute e provocar danos ao inimigo, mantendo distância de algumas estruturas do governo libanês o povo libanês repudiou as ações do Hezbollah durante o confronto e atribuiu o doloroso processo de reconstrução como culpa da organização. E, por último, a parceria Hezbollah e Irã também sofreu efeitos da guerra, pois o governo iraniano passou a responsabilizar a redução dos arsenais e a perda de recursos como consequências de uma ação precipitada.

Assim sendo, a consequência da oportunidade para provocar a troca de alguns prisioneiros do Hezbollah mantidos em Israel foi uma guerra que levou ao recrudescimento da organização em sua região; e, com a resposta israelense, tornou-se impossível para o Hezbollah travar uma guerra assimétrica que resultaria em maiores baixas ao inimigo e em melhores termos de negociação do cessar-fogo.

### **3 A GUERRA DISSIMÉTRICA, AS MEDIDAS CONTRAFORÇA E AS INCERTEZAS DO GOVERNO ISRAELENSE**

O primeiro passo de nossa análise será guiado por meio de algumas observações em relação ao comportamento do governo israelense diante de suas opções políticas e militares durante o confronto.



O século XXI é cercado por transformações profundas no ambiente de onde as guerras são travadas. Ao colocar em termos militares, é importante que a liderança política saiba das capacidades de seu exército e principalmente, conhecer as relações de força, que seria em síntese, o que podemos fazer e o que o inimigo pode fazer (EILAND,2009).

Um dos problemas deste cenário é que as lideranças, civil ou militar, devem gerenciar a distância entre as capacidades e as expectativas. A expectativa, normalmente, são atribuídas por meio da mídia, do público e do escalão político e a capacidade é descrita como a habilidade de promover arranjos operacionais que possam atender essas expectativas.

As expectativas israelenses são influenciadas a partir de um processo nomeado por "excepcionalismo israelense", que é formado por meio da relação entre o conceito de sobrevivência, o cenário doméstico do campo de batalha e a profundidade estratégica provocada pela extensão do país (RID; HECKER,2009).

O excepcionalismo israelense é também responsável pela forma que Israel direciona as suas capacidades militares. Inicialmente, suas ações são alvo da maior cobertura de mídia internacional, o que resulta que suas ações sejam alvo de propaganda da mídia árabe. O público israelense, em nome da sobrevivência, tolera uma assimetria ao usar a força contra atores não estatais; além disto, também há uma tolerância quanto ao uso de assassinatos seletivos e bombas de fragmentação.

Além disto, o excepcionalismo israelense é responsável por guiar algumas ações no âmbito político. Para a liderança civil, o resultado da longa duração de conflitos contra seus vizinhos árabes impossibilita qualquer direção que tenha o objetivo de apelar para as emoções dos adversários, tal como o "corações e mentes" é buscado nas forças armadas dos Estados Unidos e Reino Unido no Iraque. A imagem internacional de Israel já é negativa, é inútil buscar alguma mudança. Por isso, o objetivo militar e político de Israel é a relação entre dois fenômenos: a dissuasão e as "regras do jogo" (FRANÇA,2011).

Para Israel, as organizações terroristas são dotadas de uma racionalidade. Isso mostra que a sua política externa e de defesa é realista, ou seja, todos os atores envolvidos são racionais e operam por meio da tentativa de expandir seu poder para manter sua sobrevivência.

Para os israelenses, os líderes destas organizações terroristas baseiam suas ações na lógica da Teoria da Escolha Racional, em que seus atos devem render mais benefícios, que neste caso são o medo na população israelense e a publicidade internacional, sobretudo, no mundo islâmico, maiores que os custos (IBAÑEZ,2006).

A dissuasão, por meio da aplicação da doutrina *Dahiya*, serve para Israel como modo de “educar” seus oponentes todas as vezes que estes tentam alterar a “regra do jogo”, isto é, um dos objetivos militares de Israel é mostrar que o preço por desviar-se destas regras é muito alto e, caso seja feito, estes devem entender sobre as consequências. Portanto, os acontecimentos de julho de 2006 são um modo de mostrar a seus oponentes que as “regras do jogo” foram modificadas e que o ataque a Israel e a abdução de seus soldados não ficariam impunes (LAMBETH,2011).

A partir deste raciocínio, podemos estabelecer os critérios da resposta israelense aos desafios provocados pelo Hezbollah após o ataque de foguetes de médio e curto alcance em direção ao Norte de Israel.

Inicialmente, a diferença que devemos observar é entre os conceitos de antiterrorismo e de contraterrorismo. O primeiro diz respeito à medidas defensivas realizadas de modo a reduzir a vulnerabilidade quanto à ações terroristas; já o segundo se refere a medidas ofensivas, tomadas em respostas à ações terroristas a fim de prevenir, deter e responder ao terrorismo, dividindo-se em dois outros conceitos: o de impedimento, consistindo em contramedidas designadas a interceptar um ataque antes de sua execução, e o das medidas contraforça, em que contramedidas são tomadas de maneira a reduzir os recursos dos terroristas e conseqüentemente sua capacidade de ataque (ALOAN,1980).

É baseado neste conceito de contramedidas que a postura da IDF norteou o emprego de suas forças e, deste modo, seguirá a análise da relação entre a guerra dissimétrica e a guerra assimétrica.

O conceito da guerra dissimétrica significa que em conflitos assimétricos adversários possuem capacidade militares desiguais, no entanto, a maior chance de sucesso será para o beligerante mais poderoso. Contudo, a maioria dos conflitos que não terminarem de forma rápida através de uma vitória decisiva aceita por todas as partes, muda para assimétrico, que é a única esperança de vitória contra um adversário mais forte. (FRANÇA,2007)

As medidas que devem ser empregadas pelo poder superior são inspiradas nas que foram adotadas pelo teórico britânico Hart (1954) e aplicadas ao teatro de guerra europeu.

Durante as operações militares, Hart propôs os meios de surpresa e ilusão – no sentido de ludibriar – como forma de paralisar o inimigo e, como consequência, reduzir sua resistência. O objetivo final é influenciar o processo dos tomadores de decisão, de forma crucial. Em uma guerra assimétrica, a parte inferior precisa evitar contato com a parte superior, realizando ataques no lugar certo e na hora certa, preferencialmente nos centros de gravidade vulneráveis do inimigo.

Em uma guerra como essa, o poder superior será confrontado com o fato de:

- a) Bombardear o poder inferior de volta para a idade da pedra e com isso causa dano colateral;
- b) Sofrer as consequências de ter suas próprias perdas.

Percebe-se que, com todos os meios, o poder superior deve tentar transformar a guerra assimétrica em uma guerra simétrica. Como anteriormente mencionado a IDF enfrentou um dilema em toda guerra assimétrica: ou tomam o risco de sofrer baixas, com o objetivo de evitá-las, ou utiliza-se de métodos que causam danos colaterais, e, portanto, morte de civis inocentes. Resumindo, quanto menor suas perdas, maior o dano colateral.

#### **4 A OPÇÃO PELO PODER AÉREO**

A participação do poder aéreo foi decisiva na Operação *Change of Direction*. O emprego desta arma se deu devido às suas vantagens, apresentadas por Gray em sua análise da Operação *Desert Storm* (GRAY,2003). As características principais do poder aéreo são divididas em suas forças e limitações, que são agrupadas como:

- a) Forças: flexibilidade, velocidade, ubiquidade, alcance, surpresa e atração política;
- b) Limitações: alto custo financeiro, vulnerabilidade e transitoriedade.

A aplicação do poder aéreo no caso israelense foi apoiada a partir de uma doutrina voltada para impor maior dano às capacidades militares do oponente, que neste caso seriam instalações de

armazenamento de munição e treinamento, assim como o complexo *Dahiya* de Comando e Controle do Hezbollah. O que de fato elevou a condição da arma aérea para emprego estratégico foi a doutrina *Dahiya*<sup>2</sup>.

Por doutrina, entende-se o conceito desenvolvido por Poirier e Laurent (1987), que será adotado nesta pesquisa. Os autores descrevem que

[...] a doutrina procede de uma escolha calculada dentro da pluralidade de teorias existentes [...] extrai dessas uma representação e uma concepção privilegiadas da ação [...] exige ser local e não global, adaptada a um dado quadro nacional ou técnico [...] tem uma finalidade prática: os princípios dirigentes, uma vez formulados, servem de guia na elaboração das decisões práticas a tomar [...] em de certa forma, verificável no terreno: o dizer das armas deve confirmá-la ou invalidá-la, ou seja, a doutrina não deve mais definir somente o emprego das armas, deve primeiro dizer que armas escolher[...].

Em relação às dimensões de sua abrangência, Posen (1984) admite que “a doutrina contemporânea deixa de ser unilateral, centrada em uma só dimensão operacional, para abranger todas as dimensões da estratégia”.

Sobre o nível operacional, entendemos que o conceito elaborado pelo general Poirier é o que deverá ser seguido pelo estudo apresentado como:

[...] o nível operacional é aquele no qual uma operação é planejada, conduzida e apoiada, para atingir um objetivo estratégico em um teatro de operações. É o nível de combinação das ações interforças neste teatro sob a responsabilidade do comandante de teatro [...].

---

<sup>2</sup> A Doutrina *Dahiya* foi criada pelo general Gadi Eizenkot a partir da observação da guerra assimétrica no ambiente urbano. Para obter vantagens neste cenário, as forças armadas israelenses escolhem alvos do oponente a fim de impor maior danos a estes por meio de um poder de fogo desproporcional para atingir este objetivo. In: (ELIAND,2009)

Por fim, uma doutrina operacional estabelece um parâmetro, dentro do qual há um militar que planeja a missão e outro que executa a operação, e que irá definir onde e como será utilizado o emprego da força. Para a literatura militar, a doutrina é responsável pela forma de conduzir uma operação.

Como forma de responder aos desafios impostos pelo Hezbollah, a IDF decidiu empregar nesta operação uma projeção de fogo nunca utilizada antes pelas forças israelenses em áreas urbanas, com o objetivo de causar maior dano ao inimigo, seguindo um dos pressupostos de Hart descrito neste trabalho, e diminuir as baixas de seus soldados. O esforço israelense foi ainda direcionado para dois objetivos: dissuadir os terroristas por meio da aplicação do poder aéreo segundo as direções das medidas contraforças e desencorajar o Hezbollah causando grandes prejuízos às áreas de onde normalmente são disparados foguetes contra Israel.

Quando a IDF recebeu a incumbência de avançarem sobre o Rio Latani com o objetivo de fazer cessar os ataques de foguetes empreendidos pelo grupo Hezbollah, a IAF teria que ampliar suas tarefas permitindo a coleta de inteligência quanto aos ataques para interdição do campo de batalha e ao apoio aéreo aproximado para tropas israelenses de terra.

A ação da IAF pode ser separada em três fases que sofrem interseções entre si e se complementam, mas são distintas.

A primeira fase é a intensificação da coleta de inteligência referente às atividades do Hezbollah. Com isso, as forças israelenses conseguiram atualizar a inteligência já existente, bem como expandi-la conforme novas informações forem coletadas.

Para tanto, houve o emprego de aeronaves remotamente tripuladas capazes de coletar inteligência eletrônica e de sinais que, por sua vez, permitiram aos israelenses acesso às comunicações do Hezbollah e monitoração visual/sensorial do campo de batalha.

O Hezbollah, inspirado em um novo modelo operacional, deixou de operar em células. Portanto, perdeu a sua característica irregular ao adotar formações clássicas de batalha, com comando unificado e determinado grau de padronização de treinamento e conseqüentemente as suas ações, o que tornou possível a Israel coligir uma lista de alvos iniciais.

O monitoramento pode ser bastante acurado devido ao pequeno espaço geográfico da área de operações, tornando mais fácil a vigilância das atividades inimigas. Com aeronaves remotamente tripuladas do tipo MALE – Média Altitude, Longa Duração – que conseguem permanecer no ar entre 12 a 16 horas, a IAF conseguiu manter um regime de monitoramento em tempo real da região do Sul do Líbano de forma constante, uma capacidade de suma importância para o sucesso militar da Operação *Change of Direction* (LAMBETH,2011).

A segunda fase é caracterizada pelo início das atividades ofensivas das forças israelenses, em que a IAF atacou diversos alvos dentro da Sul do Líbano. Os alvos foram previamente selecionados e incluíam centros de comando, treinamento, concentrações de forças, infraestrutura e até instituições do Hezbollah.

Todos os alvos foram atacados de forma intensa, continuada, mas todos com bastante precisão. A partir da leitura de que o Hezbollah operava de forma mais convencional, tornou-se previsível a destruição ou, ou pelo menos a obstrução de sua cadeia de comando e linhas de suprimentos.

Ao mesmo tempo, os alvos pré-selecionados atacados pela IAF nos permitem traçar uma analogia com o conceito dos “Anéis de Warden”, que preconizam o ataque, de preferência simultâneo, porém hierarquizado aos seguintes itens: liderança, elementos essenciais do sistema, infraestrutura, população, e militares em campo (METZ,2009).

Para atingir seus alvos, a IAF tinha à disposição variada gama de aeronaves táticas capazes de infringirem pesados danos a quaisquer tipo de instalações, inclusive depósitos subterrâneos utilizados pelo Hezbollah. Suas principais aeronaves de ataque foram as versões disponíveis de F-15 e F-16, operando quase sempre sob monitoramento de aeronaves remotamente tripuladas, com seus alvos selecionados e designados, por meio do laser, por estas mesmas aeronaves não tripuladas. A terceira fase, embora distinta, teve início ao mesmo tempo que a segunda fase. Devido a seus recursos aéreos, Israel tem uma ampla opção de poder aéreo suficiente para atingir um nível de flexibilidade que os permite não apenas atacar e destruir alvos pré-selecionados como também prover apoio aéreo aproximado e interdição do campo de batalha de modo simultâneo.

A terceira fase se caracterizou pela utilização da flexibilidade do poder aéreo, ora em missões de apoio aéreo aproximado por intermédio de solicitação das forças terrestres israelenses em avanço, ora em missões de interdição do campo de batalha, com o intuito de impedir que suprimentos de guerra fossem entregues às forças do Hezbollah. Entretanto, algumas vezes, o apoio aéreo aproximado fora negado devido à grande concentração de tropa. Talvez esta ação tenha sido realizada para evitar fogo amigo.

Dentro dessa fase, a IDF obteve liberdade total para concentração de poder de fogo, efetuando ataques a áreas inteiras de onde partiram ataques contra suas tropas, pela simples suspeita de que ataques poderiam ser desfechados a partir daquela área, ou de onde foram observados lançamentos de foguetes.

Devido ao alto número de armadilhas para tentar conter a IDF e à crescente utilização de instalações subterrâneas, seja para armazenamento de foguetes, munições e outros materiais de guerra, seja para facilitar dispersão de forças e até mesmo a captura de soldados israelenses, o uso maciço de poder de fogo foi autorizado por autoridades israelenses para alcançarem o máximo de eficácia militar, com o mínimo de baixas israelenses possível, utilizando quaisquer meios disponíveis, tendo como ênfase o poder aéreo devido à sua própria natureza operativa.

Tal concentração de fogo se encaixa com os preceitos da Doutrina *Dahiya*, que preconiza o uso de força desproporcional contra qualquer área urbana que possa ser considerada hostil às forças israelenses, destruindo não apenas diretamente o inimigo, como toda a infraestrutura civil que possa servir de apoio ao inimigo, causando destruição e sofrimento a todos os ocupantes da área como forma de dissuadir a atividade hostil naquela área. A utilização dessa doutrina aparentemente surpreendeu a liderança do Hezbollah, já que estavam acostumados com a política de ataques cirúrgicos por parte de Israel (LAMBETH,2011).

O tempo de reação das aeronaves atacantes, mediante o alarme dado por uma aeronave não tripulada ao localizar um grupo do Hezbollah dando início à preparação de foguetes para seu lançamento sobre território israelense, é geralmente muito curto, possibilitando na maioria dos casos que esses grupos fossem atacados antes que pudessem lançar seus foguetes<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Cerca de 1 minuto. (LAMBETH,2011)

Desta forma, é bem razoável supor que um sistema de rodízio para as aeronaves táticas fosse utilizado pela IAF, durante a terceira fase aérea, no qual as aeronaves devidamente armadas teriam um determinado tempo de patrulha sobre um ponto pré-selecionado no teatro de operações, a partir de onde cumpririam tarefas de apoio aéreo aproximado ou de interdição conforme solicitada pelas tropas ou identificado via monitoramento remoto e repassado ao piloto com seu alvo já assinalado.

Uma vez que uma aeronave atende a um chamado, outra decola e ocupa seu lugar, enquanto a primeira retorna à base para reabastecimento e remuniciamento. O indicativo em relação à maior intensidade e poder de fogo desta operação se dá no número de aeronaves em patrulha a qualquer momento sobre os pontos pré-selecionados de patrulha sobre Gaza.

Esse tipo de atividade aérea não é uma novidade israelense. Variações deste tipo de rodízio são utilizadas em combate desde os estágios finais da Segunda Guerra Mundial, quando aeronaves decolavam com plena carga de bombas à procura de alvos de oportunidade ou em regiões onde poderiam ser contatadas por um controlador aéreo avançado em terra ou aeronaves de observação, que tinha a tarefa de assinalar alvos terrestres que pudessem ser atacados.

A grande diferença em relação à sua utilização e eficácia no contexto israelense foi justamente o alto nível de tecnologia empregado na coleta de inteligência em tempo real, que era previamente feito pelo uso de helicópteros de ataque – AH-1 Cobras e AH-64 Apaches –, combinados com as aeronaves remotamente pilotadas Hermes 450, agora livres para apoiarem o avanço das tropas, pela grande disponibilidade de recursos aerotáticos operando em ambiente de baixa intensidade, ou seja, com pouca ou nenhuma ameaça antiaérea, e pela área de atuação geograficamente restrita, permitindo a maximização de recursos e a flexibilidade inerente aos mesmos, diminuindo drasticamente o tempo de reação quando da solicitação de um ataque.

Devido a esses fatores, a IAF conseguiu manter a intensidade de suas atividades de maneira ininterrupta durante toda a duração da Operação *Change of Direction*, possivelmente alcançando elevadíssimo nível de disponibilidade de meios sempre que estes foram requisitados.



## 5 CONCLUSÃO

A partir da análise do contexto histórico e dos conceitos abordados no texto, conclui-se que as ações de Israel para combater os ataques terroristas traduzem exatamente os subconceitos do contraterrorismo. Em suma, essas contramedidas visam reduzir os recursos dos terroristas, sua capacidade de ataque e o prejuízo causado pelos mesmos<sup>4</sup>. No entanto, a Operação *Change of Direction* mostrou que o dilema da assimetria de forças estava correto e que a hipótese foi validada, pois, usar a força desproporcional contra os pontos fracos do inimigo, deixou claro que a resposta deve ser rápida, para evitar baixas em suas forças, e com qualidade, com o objetivo de criar uma memória duradoura.

Paradoxalmente, a disponibilidade da IAF para levar a cabo estas tarefas foi para compensar a grave insuficiência da força terrestre nesta área. De acordo com Creveld (1991), os conflitos de baixa intensidade poderão substituir as bases analíticas do modelo de guerra interestatal nas quais os exércitos do Ocidente tradicionalmente treinaram para lutar. Talvez seja nesta “nova forma de violência”, com a qual IDF se habituou a lutar, que reside o principal obstáculo que determinou o seu desempenho na Operação *Change of Direction*. Desde setembro de 2000, a IDF estava voltada para operações de menor intensidade contra a intifada palestina, sob liderança da Al Aqsa; devido à redução de custos, seu treinamento ficou comprometido. E, com isso, cerca de toda parte norte de Israel ficou sob ameaça do lançamento dos *Katyushas* do Hezbollah, que eram prioritariamente alvos da IDF. Segundo Luttwak (2009), o poder aéreo é situacional, ou seja, há uma dependência muito grande do contexto que se desenvolve durante o conflito. Com a transformação da estratégia do Hezbollah em passar gradualmente da guerrilha à guerra de movimento e de posições, foi possível para a IAF identificar alvos e obter sucesso na diminuição da vontade de lutar de seu inimigo.

---

<sup>4</sup> Importante notar que o governo israelense tratou o episódio comparando-o com a Crise de Mísseis de Cuba, em 1962, sendo que neste caso, o perigo vinha das armas adquiridas pelo Hezbollah e posicionadas no Sul (RAMM: *rocket, artillery, mortar, and missile*) (LAMBETH, 2009).

O resultado da campanha aérea foi visto como positivo durante o confronto. É nas palavras de Creveld (2008), retiradas do artigo citado no início desta análise, que podemos avaliar os resultados atingidos por Israel.

[...] by the time the guns fell silent, hundreds of Hezbollah fighters had been killed. The organization had been thrown out of southern Lebanon, and to make sure it would not return, a fairly robust United Nations peacekeeping force was put into place. At least for the time being, Hezbollah appears to have had the fight knocked out of it. For well over a year now, Israel's border with Lebanon has been almost totally quiet — by far the longest period of peace in four decades. This was something that neither Golda Meir, nor Yitzhak Rabin in his two terms as prime minister, nor Menahem Begin, nor Shimon Peres, nor Yitzhak Shamir, nor Benjamin Netanyahu, nor Ehud Barak, nor even the formidable Ariel Sharon.

## REFERÊNCIAS

ALOAN, Hanan. **Countering Palestinian terrorism in Israel: Toward a police analysis of countermeasures.** Santa Monica: Rand Corporation, 1980.

CREVELD, M. **Transformation of War.** New York: The Free Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Israel's war with Hezbollah was not a failure.** The Jewish Daily, 30 de fevereiro, 2008.

ELIAND, Giora. The Second Lebanon War: Lessons on the strategic level. **Military and Strategic Studies**, v.01, 2009.

FRANÇA, Centre de doctrine d'emploi des forces. **Tactique générale.** Paris, 2007.

\_\_\_\_\_. Centre de doctrine d'emploi des forces. **Doctrine d'emploi des forces terrestres em stabilisation.** Paris: 2011.

GRAY, Collin. **Strategy in the contemporary world: a introduction to Strategic Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

HART, Liddell. **Strategy: the indirect approach.** London: Faber and Faber, 1954.

IBÁÑEZ, Luis de la Corte; **La lógica del terrorismo.** 1º ed. Madri: Alianza editorial S.A. 2006.

KALDOR, Mary. **New and old war, organized violence in a global era.** Stanford: Stanford University Press, 2001.

LUTTWACK, Edward. **Estratégia: a lógica da guerra e da paz.** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2009.

LAMBETH, Benjamin. Israel's Second Lebanon War Reconsidered. **Military and Strategic Studies**, v.01, 2009.

\_\_\_\_\_. **Air Operations in Israel: war against Hezbollah.** Santa Monica: Rand Corporation, 2011.

METS, David R. **Airpower and Technology: Smart and Unmanned Weapons.** Santa Barbara: Praeger, 2008.

POIRIER, Lucien. **Le chantier stratégique**. Paris: Économica, Bibliothèque stratégique, 1987.

RID, Thomas; HECKER, Mark. **War 2.0**. Westport: Praeger, 2009.

ROY, Oliver. **Genealogia do Islamismo**. Madri: Biblioteca do Islã Contemporaneo, 1995.

ZISSER, Eyal. Hizbullah: the battle over Libanon. **Military and Strategic Studies**, v.01, 2009

RECEBIDO EM 14/08/2013  
APROVADO EM 20/12/2013